

Tem Brasil na caça
ao Urso de Ouro
da 75ª Berlinale

PÁGINAS 2 E 3



Oscar: Almodóvar
vive a expectativa
de indicação

PÁGINAS 4 E 5



Nós do Morro
celebra seus 38
anos com festival

PÁGINA 7



2º CADERNO

Divulgação

Pavimentando sua caminhada rumo ao Oscar, 'Ainda Estou Aqui' lidera bilheteria nos EUA e em Portugal



Em sua caminhada para ser indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, "Ainda Estou Aqui" vem fazendo bonito nos Estados Unidos. O longa de Walter Salles e atuação arrebatadora de Fernanda Torres liderou as bilheteria do país no último fim de semana.

Em cartaz em cinco salas distribuídas entre Los Angeles e Nova York, o longa estreou na 26ª posição nas bilheteria da semana. O faturamento foi de US\$ 125 mil. O filme liderou as bilheteria dos EUA no quesito média de faturamento por sala. Isso significa que vendeu em média muito mais ingressos que os demais longas em cartaz.

Por sala, "Ainda estou aqui" faturou US\$ 25 mil. Um dos favoritos ao Oscar e segundo lugar em arrecadação por sala, "O brutalista" teve média de US\$ 5,8 mil.

Com a marca, "Ainda estou aqui" também fez história em comparação com outros lançamentos brasileiros nos Estados Unidos. O filme superou os US\$ 88 mil arrecadados por "Cidade de Deus" quando também foi lançado em cinco salas.

A média de US\$ 25 mil também superou marcas de "Central do Brasil" (US\$ 17,9 mil) e "Cidade de Deus" (US\$ 17,6 mil). Além disso, o filme fará sua estreia em oito novas cidades nos EUA.

Em 7 de fevereiro, haverá um lançamento nacional em 500 salas, o maior da história para um filme brasileiro. "Central do Brasil" chegou a ter no máximo 144 salas de exibi-

ção nos EUA, e, "Cidade de Deus", alcançou 108 cinemas.

Em sua semana de estreia em Portugal, "Ainda Estou Aqui" alcançou o topo das bilheteria, desbancando "Mufasa: O Rei Leão", que até então ocupava o primeiro lugar nos cinemas lusos pelas últimas quatro semanas, desde a sua estreia.

O filme baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva arrecadou US\$ 256 mil em seu lançamento em 87 salas portuguesas, segundo o Box Office Mojo. Foram 37 mil ingressos vendidos em seu primeiro final de semana em Portugal.

Essa arrecadação aproxima o longa do maior sucesso brasileiro nos cinemas do

país: "Tropa de Elite", que arrecadou US\$ 376 mil quando foi lançado por lá.

A recepção pela imprensa portuguesa também foi positiva. Entre os destaques, o jornal O Público ressaltou a performance de Torres e a forma como Salles recupera uma discussão política de décadas atrás na contemporaneidade.

Blockbuster aqui e lá

Às vésperas do anúncio oficial das indicações ao Oscar 2025, 'Ainda Estou Aqui' atrai o interesse do público estadunidense



‘O Último Azul’, de Gabriel Mascaro, leva o cinema nacional à competição da Berlinale, que tem ainda produção da brasileira RT com o romeno Radu Jude

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã



Denise Weinberg e Rodrigo Santoro em ‘O Último Azul’, de Gabriel Mascaro



‘A Melhor Mãe do Mundo’ traz a assinatura autoral da brasileira Anna Muylaert

O Brasil no rastro do Urso de Ouro

Vai ter Brasil na competição oficial pelo Urso de Ouro de 2025, na 75ª edição da Berlinale, de 13 a 23 de fevereiro, na capital alemã: “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro, vai levar as paisagens da Amazônia para telas germânicas. Denise Weinberg e Rodrigo Santoro são integrantes do elenco desta distopia. No enredo, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vivida por Denise), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo.

Mascaro despontou internacionalmente ao ser premiado no Festival de Veneza, há uma década, com “Boi Neon” (2015). Passou por Berlim antes, na mostra Panorama, em 2019, com “Divino Amor”.

Desta vez, o cineasta vai encarar medalhões como o sul-coreano Hong Sang-soo (no páreo com “What Does that Nature Say to You”), o americano Richard Linklater (“Blue Moon”) a francesa e Lucile Hadžihalilovic (“La Tour de Glace”) e o mexicano Michel Franco (“Dreams”). Concorre ainda com o romeno Radu Jude, ganhador do Urso dourado de 2021 por “Má Sorte no Sexo ou Pornô Acidental”, que compete agora com “Kontinental ‘25”, produzido pela RT Features de Rodrigo Teixeira, do fenômeno de bilheteria



‘Das Licht’ (The Light), de Tom Tykwer, abre a programação da Berlinale 2025

“Ainda Estou Aqui”, que pode ser anunciado entre os indicados ao Oscar, nesta quinta.

“A seleção de ‘O Último Azul’ para a competição principal de Berlim só reforça o quanto o Brasil é capaz de produzir um cinema forte, profundo e competitivo”, diz o ator Rodrigo Santoro, no release oficial do longa de Mascaro. “É emocionante ver o cinema independente chegando tão longe, feito com garra e talento - muitas vezes, com muito pouco”.

A programação desta Berlinale começa com a projeção do drama alemão “Das Licht” (“The Light”), de Tom Tykwer (“Corra, Lola, Corra”), e vai demarcar

Warner/Divulgação



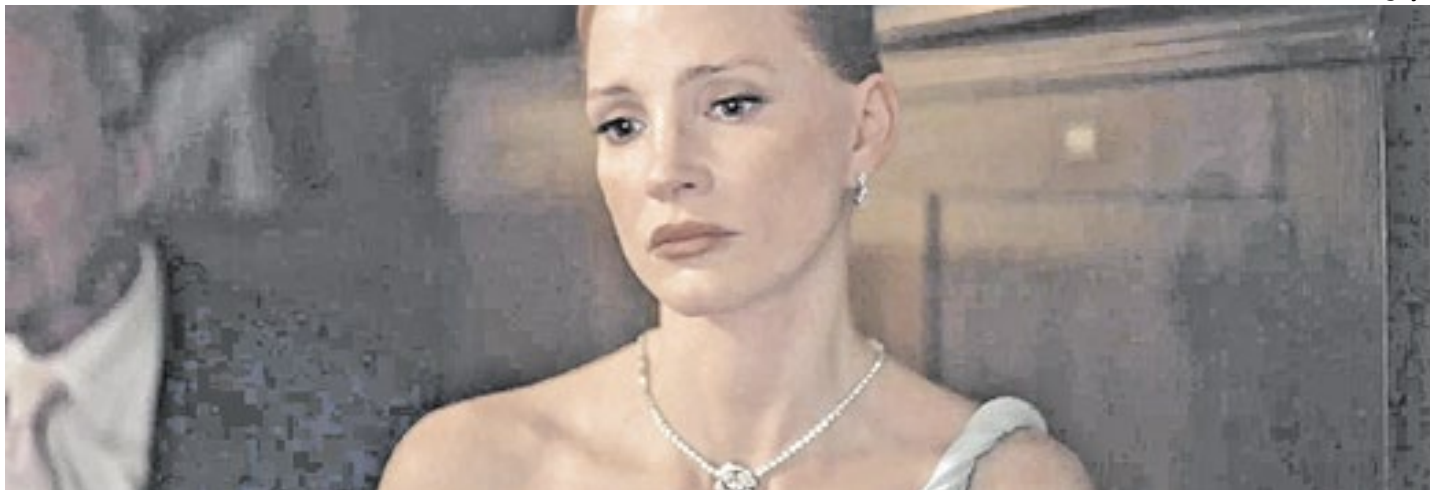
Robert Pattinson é o protagonista de 'Mickey 17', de Bong Joon Ho

Divulgação



'Kontinental 25', o novo longa do romeno Radu Jude, tem produção do brasileiro Rodrigo Teixeira

Divulgação



Jessica Chastain no filme 'Dreams', do mexicano Michel Franco

Divulgação



'What Does that Nature Say to You', do sul-coreano Hong Sangsoo, chega forte na disputa

Divulgação



O realizador Richard Linklater é um dos medalhões deste festival com seu 'Blue Moon'

CONCORRENTES A MELHOR FILME

- * "Ari", de Léonor Serraille (França)
- * "Blue Moon", de Richard Linklater (EUA)
- * "La Cache", de Lionel Baier (Suíça)
- * "Dreams", de Michel Franco (México)
- * "Dreams (Sex Love)", de Dag Johan Haugerud (Noruega)
- * "What Does that Nature Say to You", de Hong Sangsoo (Coreia do Sul)
- * "Hot Milk", de Rebecca Lenkiewicz (Reino Unido)
- * "If I Had Legs I'd Kick You", de Mary Bronstein (EUA)
- * "Kontinental '25", de Radu Jude (Romênia)
- * "El Mensaje", de Iván Fund (Argentina)
- * "Mother's Baby", de Johanna Moder (Áustria)
- * "Reflet Dans Un Diamant Mort", de Hélène Cattet e Bruno Forzani (Bélgica)
- * "Living the Land", de Huo Meng (China)
- * "Timestamp", de Kateryna Cornostai (Ucrânia)
- * "La Tour de Glace", de Lucile Hadċihalilovic (França)
- * "O Último Azul", de Gabriel Mascaro (Brasil)
- * "What Marielle Knows", de Frédéric Hambalek (Alemanha)
- * "Girls on Wire", de Vivian Qu (China)
- * "Yunan", de Ameer Fakher Eldin (Alemanha)

mudanças estruturais no evento. Chegou ao fim a gestão curatorial de Mariette Rissenbeek e Carlo Chatrian, vigente nas últimas cinco edições, e entra em seu lugar uma nova direção artística, comandada por Tricia Tuttle, que vem do BFI London Film Festival. Ela já prometeu uma seção nova (Perspectivas, dedicada a estreantes) e escalou o divo americano dos filmes indie Todd Haynes (realizador de "Carol" e "Segredos de um Escândalo") para presidir a briga pelos troféus oficiais do ano que vem. Traz consigo a garantia de uma sessão do aguardado "Um Completo Desconhecido", a cinebiografia do cantor, compositor e prêmio Nobel Bob

Dylan, dirigida por James Mangold.

Uma das atrações mais esperadas desta Berlinale entra no evento fora de concurso: "Mickey 17", ficção científica que marca o regresso do oscarizado diretor de "Parasita", o sul-coreano Bong Joon Ho à direção, após um hiato de seis anos. Robert Pattinson, o atual Batman, vive um funcionário de uma expedição colonizadora a um planeta distante que é substituído por clones de si mesmo sempre que se desgasta.

Ainda na seara hors-concours, a paulista Anna Muylaert volta à Berlinale, dez anos depois de ter exibido "Que Horas Ela Volta" (2015) por lá, para lançar "A

Melhor Mãe Do Mundo" em solo alemão. Com ecos de "A Vida É Bela" (1998), a trama é protagonizada por Gal (Shirley Cruz), uma catadora de materiais recicláveis que luta para escapar da violência do marido Leandro, (Seu Jorge). No empenho para fugir dele, ela coloca seus filhos pequenos em sua carroça e atravessa a cidade de São Paulo. Pelo caminho, enfrenta os perigos das ruas enquanto tenta convencer as crianças, Rihanna e Benin, de que estão vivendo uma aventura em família.

A presença nacional em Berlim este ano estende-se com a participação dos filmes "Hora do Recreio", de Lucia Murrat; "A Natureza das Coisas Invisíveis", de

Rafaela Camelo; "Ato Noturno", de Filipe Matzembacher e Marcio Reolon; "Zizi (Ou Oração Da Jaca Fabulosa)", de Felipe M. Bragança; "Cartas do Absurdo", de Gabriel Sanna; "Arame Farpado", de Gustavo de Carvalho; "Entardecer En América", de Matías Rojas Valencia; e "Anba dlo", de Luiza Calagian e Rosa Caldeira. Passa lá ainda uma prévia da série "De Menor", de Caru Alves de Souza. Cult dos anos 1970, a coprodução germânica "Iracema, Uma Transa Amazônica" (1975), com Paulo César Peréio (1940-2024) na estrada, sob a direção de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, terá sua cópia restaurada exibida no festival, na seção Forum Expanded.

Firme e forte no circuito carioca desde outubro, 'O Quarto Ao Lado' pode despontar entre os indicados ao Oscar enquanto seu diretor prepara um filme de Natal

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A recente chegada de "Pepi, Luci, Bom e Outras Garotas de Montão" (1980) à MUBI, onde se vê ainda "Ata-me" (1989), joga holofotes sobre a fase de arranque de Pedro Almodóvar no formato longa-metragem ao mesmo tempo em que ele prepara seu novo projeto, "Amarga Navidad". Será um filme de Natal (mas à moda dele), falando de uma mulher abandonada por seu companheiro às vésperas de o Papai Noel chegar. Fala-se de Penélope Cruz como sua possível protagonista, mas nada foi divulgado oficialmente por sua produtora, a El Deseo.

Ele ainda tem compromissos com seu mais recente exercício autoral, "O Quarto ao Lado" ("The Room Next Door"), que deve ser anunciado amanhã entre os indicados ao Oscar 2025. As nomeações às estatuetas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood vão ser anunciadas nesta quinta-feira e o artesão cinematográfico espanhol ganhou duas. Levou a de Melhor Roteiro Adaptado por "Fale Com Ela" (hoje na Netflix) em 2003, e a de Melhor Filme Internacional, em 2000, por "Tudo Sobre Minha Mãe", que pode ser visto no www.mubi.com.

Já seu título mais novo – e possivelmente oscarizável –, com Julianne Moore e Tilda Swinton, é uma atração obrigatória do circuito carioca, embora esteja disponível numa só sessão em tela grande. Pode ser visto hoje às 13h50, no Estação NET Botafogo.

"A natureza de um filme sempre é a incerteza, pois filmar é como um safári, no qual a gente entra sem conseguir prever os perigos pela frente, pois a vida é movimento", disse Almodóvar ao Festival de San Sebastián, em setembro, de onde saiu com o troféu honorário Donostia, que contempla o conjunto de

Sempre é tempo de Almodóvar

sua carreira.

Estima-se que "O Quarto Ao Lado" terá uma projeção na 75ª Berlinale, marcada de 13 a 23 de fevereiro, na Alemanha, onde Tilda Swinton recebe o Urso de Ouro Honorário. O longa, lançado aqui em outubro, rendeu a ela uma indicação ao Globo de Ouro (que perdeu para Fernanda Torres, em "Ainda Estou Aqui"). No exterior a bilheteria desse Almodóvar outonal com Tilda beira US\$ 15 milhões, um número aquém dos grandes sucessos de bilheteria do realizador manchego. Em sua Espanha natal, a fita concorre à dez Goyas, o Oscar ibérico.

Vestígios de "Persona" (1966) salpicam Bergman aqui e ali em "O Quarto ao Lado", que foi o ganhador do Leão de Ouro de Veneza do ano passado. A evocação bergmaniana se faz notar sobretudo pela justaposição de duas vivências femininas que se amalgamam (até certa medida) em momento de calvário. São reminiscências cinéfilas sutis, pois o que há de mais explícito nesse novo Almodóvar são as alusões à melancolia que transborda das experiências cromáticas do pintor Edward Hopper (1882-1967), em especial na tela "Room in New York" (1932). O colorido sempre foi uma das marcas do cineasta espanhol e a base da cor, nesse diálogo dele com o livro "What Are You Going Through", de Sigrid Nunez, parece ser a paleta de Hopper, pincelando o estudo do indivíduo em seus momentos mais introspectivos. Por vezes, vemos brandura em cena, num reflexo de um processo criativo que o diretor de "A Lei do Desejo" (1987) chama de "fase de contenção", mas há momentos em que a vermelhidão se espalha pela tela, vide o batom rubro nos lábios de Tilda. Essa vermelhidão não arrefece o que existe de melancólico na narrativa – pelo contrário, exalta essa sensação.

A trilha perseguida aqui evoca um dos títulos menos festejados do artesão autoral manchego: "Julieta" (2016). É um exemplar típico do "almodrama". Quem cunhou esse termo foi o baiano Caetano Veloso, ao se referir à estética de seu amigo ibérico. Existe ainda um outro conceito para definir a estética de Almodóvar: metamelodrama. O verbe-

Iñaki Luis/SSIF



Pedro Almodóvar com o troféu Donostia de San Sebastián

te é parte das pesquisas de dramaturgia feitas pelo professor (também da Bahia) José Carvalho, considerado o mais prestigiado teórico sobre roteiro no Brasil, que leciona como escrever para cinema e TV no Rio e em São Paulo na Oficina Roteiraria. Com base nas reflexões antropológicas do americano David Bordwell e nos ensaios geopolíticos do português João Maria Mendes, Carvalho consolidou o princípio do “metamelodramático”. Ele parte da ideia de que o realizador de “Má Educação” (2004) cria seu universo com base no tecido visual “vivo” derivado do melodrama clássico e de suas releituras modernas, de Douglas Sirk a Rainer W. Fassbinder. De fato, o cálido “Julieta” tirava sua percepção da condição feminina de “lições” que o cinema do passado nos deu, potencializadas por um diálogo com a literatura de Alice Munro. “O Quarto ao Lado” faz o mesmo, visitando Bergman... e arrastando Hopper como uma âncora geográfica, como a afirmação de sua medula americana.

Não se trata de um Almodóvar in Spanish, que habla a língua da Espanha, e, sim, um filme em língua inglesa, como foram “A Voz Humana”, de 2020 (já disponível para aluguel na Amazon Prime), e “Estranha Forma de Vida”, de 2023 (encontrável na grade da já citada MUBI). Trata-se também de um exercício de elegância pleno, formalmente mais depurado do que Pedro A. jamais foi. Pode-se até falar no adjetivo “sereno” no trânsito do longa pelo código histórico do melodrama. A recorrência dos verbos “perecer” e “partir” na espinha dorsal do enredo é uma justificativa para os takes de luz mais outonal na fotografia de Edu Grau, que filtra o olhar barroco habitual do mestre por trás de “Dor e Glória” (2019).

As elipses, marcas gramaticais da obra de Almodóvar, vão e voltam ao longo da narrativa, na montagem de Teresa Font, que ferve no terço final, sobretudo numa sequência (de virada no roteiro) em que um policial de credo fundamentalista (Alessandro Nivola) entra em cena. A trilha sonora, composta por Alberto Iglesias, também aquece o estudo sobre cumplicidade que se desenrola no enredo.

Tudo parte do processo de (re)aproximação de duas amigas há muito distantes. No meio do lançamento de um livro novo, a escritora de autoficção Ingrid (Julianne Moore) descobre que a correspondente de guerra Martha (Tilda Swinton), de quem era íntima, está muito doente, com câncer. Elas trabalharam juntas na mesma revista, mas Ingrid tornou-se uma romancista, enquanto Martha consagrou-se em coberturas jornalísticas de confrontos armados.



Sony Pictures/Divulgação

Ainda tem sessão de ‘O Quarto Ao Lado’ no Estação Botafogo

El Deseo/Divulgação



Caetano Veloso, ao microfone, faz participação em ‘Fale Com Ela’, hoje na Netflix

El Deseo/Divulgação



MUBI exhibe ‘Pepi, Luci, Bom e Outras Garotas de Montão’, de 1980, em sua grade

MUBI/Divulgação



Faroeste em curta-metragem, ‘Estranha Forma de Vida’ fez sua estreia em Cannes

O reencontro delas é doce e revive muitas histórias. A melhor delas envolve um fotógrafo, que era parceiro de trabalho da repórter – papel dado a Juan Diego Botto –, e o um padre (o ótimo Raúl Arévalo). Muitos causos são trocados até que a quimioterapia de Martha deixa de surtir efeito. Ali, a personagem

de Tilda decide toma ruma pílula que acabe com a vida – com dignidade, sem sofrimento. O medo e a solidão do fim fazem com que ela peça ajuda à antiga colega, uma vez que várias outras amigas lhe recusaram o auxílio. Para isso, as duas têm de ficar juntas numa casa, no campo, isoladas. É nesse momento que a au-

tora vivida por Julianne se abre para um oceano de inquietações existenciais, extraindo da atriz um desempenho inquietante. A questão moral e até certo ponto criminal (segundo a Lei, nos EUA) não incomoda Ingrid. O seu incômodo é ver alguém de que gosta (muito) partir. A atuação colossal de Julianne é amplificada na troca com uma figura que galvaniza os combates filosóficos e sentimentais do filme: seu ex-amante e atual amigo, Damian, um autor de ensaios teóricos interpretado por John Turturro em estado de graça.

É ele quem vai ajudar Ingrid a se preparar para o torvelinho afetivo que virá com a despedida de Martha (se esta for possível, e viável). Damian é um caminho para que Almodóvar fale de eutanásia a partir da acomodação (de feridas, de desilusões), com citações explícitas à prosa de James Joyce (1882-1941) e a uma obra-prima que John Huston (1906-1987) filmou a partir da literatura dele, “Os Vivos e os Mortos”, de 1987. Igualmente tocante é uma menção a Buster Keaton (1895-1966) e ao seu humor cinemático. São referências a paixões de um contador de histórias que desde “Tudo Sobre Minha Mãe” (1999) alcançou o Panteão.

Além de sua presença no streaming e no Estação Botafogo, Almodóvar se mantém entre nós pelas livrarias. Sua antologia de memórias “El Último Sueño”, editada na Europa pela Reservoir Books, foi traduzida para o português pela Cia das Letras há pouco. Em 12 narrativas curtas, o artista abarca sua própria vida, da década de 1960 até os dias de hoje, quando totaliza (só) 177 prêmios referentes à sua filmografia multicolorida.

“Há um limite entre o que a gente é e o que gostaria de ser. Esse limite é crucial para o amor e as histórias que a gente conta sobre o amor”, disse Almodóvar em Cannes, numa masterclass. “Meus filmes iniciais tinham muito sexo explícito. Carregava nessas tintas. Hoje, ao rever algumas sequências que filmei no passado, sinto preguiça, pois prefiro expressar o desejo de outro modo”.

Além de “O Último Sonho”, um outro livro assinado por Almodóvar repousa com destaque nas prateleiras das melhores lojas do Brasil (e na Amazon). É um deslumbre o trabalho editorial que a Planeta, em seu selo Tusquets, fez com duas incursões do diretor manchego pela seara das Letras: “Patty Diphusa” (1991) e “Fogo nas Entradas” (1981). Os dois textos, publicados num período de dez anos, relativos a uma das fases de maior tônus contracultural da obra do diretor foram reunidos num só volume, traduzido por Eric Nepomuceno, com direito a um delicioso texto de orelha da cantora e performer Letrux.

Jovens de São João da Barra receberam projeto 'Partiu Trabalho 2' com patrocínio da Ferroport

Ações tiveram como objetivo capacitar o público jovem para o mercado de trabalho

Nos dias 19 de setembro a 22 de outubro de 2024, São João da Barra sediou o projeto 'Partiu Trabalho 2', que ofereceu oficinas gratuitas de artes cênicas voltadas para jovens que se preparavam para ingressar no mercado de trabalho.

O objetivo era ensinar técnicas que auxiliassem na busca pelo primeiro emprego. Ao final das oficinas, os estudantes apresentaram um espetáculo, que não apenas fortaleceu os vínculos entre os jovens, seus familiares e a comunidade, mas também celebrou as conquistas alcançadas durante o processo de aprendizado.

A ação visou capacitar jovens para o desenvolvimento da expressão corporal, habilidades de improviso e interação em grupo. Além disso, buscou explorar a expressão artística e estética dos participantes por meio das artes cênicas, proporcionando um espaço para crescimento criativo e pessoal, importantes para quem está em busca das primeiras oportunidades de ingressar no mercado de trabalho.

No Brasil, conseguir o primeiro emprego continua sendo um grande desafio, especialmente para os jovens. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada pelo IBGE em 2023, a taxa de desocupação entre jovens de 18 a 24 anos era significativamente alta, atingindo cerca de 29%. Essa realidade era influenciada pela falta de experiência profissional prévia e pela competitividade do mercado de trabalho, que frequentemente exige habilidades específicas e experiência anterior mesmo para vagas de entrada. Além disso, a escassez de oportunidades alinhadas com as expectativas dos jovens contribuiu para prolongar o período de procura por emprego, impactando a inserção e o crescimento econômico e social dessa faixa etária.

Pensando nisso, o projeto 'Partiu Trabalho 2' abordou uma temática extremamente relevante para a faixa etária, como a utilização das artes cênicas como ferramenta de organização, expressão e integração entre jovens, promovendo habilidades essenciais como comunicação, colaboração e criatividade. Além disso, explorou



Divulgação

as melhores práticas para o ingresso efetivo dos jovens no mercado de trabalho, enfatizando tanto competências técnicas quanto habilidades comportamentais. O desenvolvimento artístico e cultural dos participantes também foi central, proporcionando um espaço para expressão pessoal e crescimento em um contexto de aprendizado e desenvolvimento contínuos.

Lei de Incentivo à Cultura, o projeto 'Partiu Trabalho 2' tem a produção da Odin Cultura Entretenimento e Publicidade, apoio da Komedi e Sancell, com patrocínio da Ferroport e realizado pelo Ministério da Cultura, Governo Federal União e Reconstrução.

O projeto 'Partiu Trabalho 2' aconteceu nas seguintes escolas: CE João Coelho da Silva e Colégio Estadual Admarco Alves Torres. Ao todo, mais de 90 jovens foram beneficiados com a iniciativa.

Sobre a Ferroport: A Ferroport é uma joint-venture formada pela mineradora Anglo American e pela Prumo Logística, holding que desenvolve o Porto do Açú, o maior empreendimento portuário de águas profundas do Brasil. Em atividade desde 2014, é responsável pela

movimentação de minério no porto-indústria e ocupa a quarta posição entre os terminais privados do país.

Sobre o Ministério: A principal ferramenta de fomento à Cultura do Brasil, a Lei de Incentivo à Cultura contribui para que milhares de projetos culturais aconteçam, todos os anos, em todas as regiões do país. Por meio dela, empresas e pessoas físicas podem patrocinar espetáculos – exposições, shows, livros, museus, galerias e várias outras formas de expressão cultural – e abater o valor total ou parcial do apoio do Imposto de Renda. A Lei também contribui para ampliar o acesso dos cidadãos à Cultura, já que os projetos patrocinados são obrigados a oferecer uma contrapartida social, ou seja, eles têm que distribuir parte dos ingressos gratuitamente e promover ações de formação e capacitação junto às comunidades. Criado em 1991 pela Lei 8.313, o mecanismo do incentivo à cultura é um dos pilares do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que também conta com o Fundo Nacional de Cultura (FNC) e os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficarts). Lei de Incentivo à Cultura, Ministério da Cultura.

Arte do morro para o mundo

Grupo teatral Nós do Morro celebra 38 anos com peças gratuitas em sua sede no Vidigal

Celeiro de grandes artistas, o Grupo Nós do Morro completa 38 anos em festa.

Com uma programação especial que marca a consolidação da retomada das suas atividades, a instituição anuncia as datas de dois eventos muito aguardados pelo público, como parte do “Festival 38 em Nós”: o “Vidigal Show” e a “Mostra de Teatro 38 Anos”.

O Vidigal Show acontece nesta quarta-feira (22), das 19h às 22h, em frente à sede do grupo, no Morro do Vidigal. O tradicional espetáculo tem atmosfera televisiva com seu formato de programa de auditório a céu aberto. A apresentação é do ator Guti Fraga, um dos fundadores do projeto, e contará com diversas atrações, que vão de música, dança até sorteio de prêmios.

Já no casarão, será realizada a “Mostra de Teatro 38 Anos”, que terá início nesta sexta-feira (24) e vai até 16 de fevereiro. Serão apresentados quatro espetáculos, sendo o primeiro “Nosso Quintal é Maior que o Mundo”, com direção de João Vitor Nascimento, de sexta a domingo (24 a 26). Nos fins de semana seguintes, a mostra receberá “Ensaio Sobre a Liberdade”, com direção de Paulo Guidelly; “Querida Pedir Desculpas, Mas Não Tive Tempo”, dirigido por Fátima Domingues; e “Vidigal é Coisa Nossa”, com direção de Paula Almeida.

O Grupo Nós do Morro está angariando fundos com o objetivo de reformar, manter e am-



Divulgação



Divulgação

A peça ‘Nosso Quintal É Maior Que O Mundo’ abre a programação do festival Mostra de Teatro 38 Anos

Um dos idealizadores do Nós do Morro, Guti Fraga comanda o Vidigal Show nesta quarta-feira

pliar a sua estrutura, incluindo a reforma do Teatro do Vidigal e a manutenção do seu casarão histórico, reforçando o compromisso com a preservação e o fortalecimento do seu legado artístico. As doações podem ser feitas pela chave pix disponibilizada pela instituição: 30.120.620/0001-25

O Nós do Morro nasceu fruto da ideia e do sonho do jornalista e ator Guti Fraga. Ele juntou um grupo formado pelo iluminador Fred Pinheiro, o cenógrafo Fernando Mello da Costa, o estudante de jornalismo Luiz Paulo Corrêa e Castro e um sem número de jovens ta-

lentos artísticos locais para criar um projeto pioneiro de acesso à arte e à cultura através das artes teatrais para os moradores do Morro do Vidigal.

São quase quatro décadas de trabalho pautado pelo objetivo de dar acesso através do mundo da arte e da cultura para uma le-

gião de crianças, jovens e adultos que não podem pagar por isso. Hoje, o Grupo Nós do Morro tem sua ideia multiplicadora disseminada pelo Brasil e no mundo. Em sua maioria absoluta oriundos da própria comunidade do Vidigal e de bairros da periferia da cidade do Rio de Janeiro, os seus integrantes são formados dentro da ideia de revolucionar a sociedade por meio da arte.

A lista de talentos lapidados no projeto é vasta, com profissionais que hoje são uma realidade no mercado audiovisual, musical e teatral, tanto atuando como atores e atrizes como trabalhando em funções como diretores e técnicos, tais como Thiago Martins, Roberta Rodrigues, Marcello Melo Jr., Mary Sheyla, Babu Santana, Cíntia Rosa, Juan Paiva, Rosane Svartman, Renan Monteiro, Luciana Bezerra, Dhonata Augusto, Jonathan Azevedo, Samuel Melo, Gustavo Mello e Luciano Vidigal.

“Sabemos que ainda há muito caminho a ser percorrido e muita gente que ainda anseia por iniciativas como a nossa que abrem o acesso à arte e à cultura para que possa desenvolver sua potência artística e soltar a sua voz e o seu talento. E para que o mundo possa comprovar que a favela é um palco de resistência e de culturas múltiplas que precisam ser estimuladas e mostradas em todo o seu real potencial”, reforça Marcello Melo, diretor executivo do Nós do Morro e idealizador do Festival 38 em Nós.

SERVIÇO **VIDIGAL SHOW**

22/1, às 19h, em frente ao Casarão do Nós do Morro (Rua Dr. Olinto de Magalhães, 54, Vidigal)

Entrada: gratuita
NOSSO QUINTAL É MAIOR QUE O MUNDO

24 a 26/1, às 19h
Casarão do Nós do Morro
Entrada gratuita, com senhas distribuídas 1h antes de cada apresentação

Por Lucas Monteiro (Folhapress)

“Um dos maiores crimes de censura na história.”

“É o ‘Mein Kampf’ das histórias em quadrinhos.” “Não adianta só um alerta dizendo que deve ser considerado o contexto histórico de forma genérica.” Esses foram alguns dos comentários que povoaram o X nas últimas semanas a respeito de “A Sedução do Inocente”, livro do psiquiatra Fredric Wertham, que ganha uma edição brasileira 70 anos após a sua publicação, desta pedra angular da autocensura nas histórias em quadrinhos nos Estados Unidos.

Wertham foi uma figura complexa. Ligado a pautas de esquerda, o psiquiatra decidiu estudar o que levava jovens dos Estados Unidos à delinquência. Conduziu uma pesquisa em Nova York e analisou que a exposição de crianças à violência por meio das HQs seria uma das supostas causas do problema.

A partir de entrevistas com jovens homossexuais, por exemplo, chegou à conclusão de que as histórias da dupla Batman ‘um justiceiro milionário’ e Robin, seu fiel e jovial ajudante, teriam um subtexto gay. Já o indestrutível Superman seria o espécime perfeito da “super-raça” nazista.

As ideias do psiquiatra inspiraram audiências no Senado americano, que ouviu depoimentos de Wertham e de chefes das principais editoras, como DC Comics, Timely Comics (a futura Marvel) e EC Comics, especializada em suspense e ficção científica.

À época, o livro, que nunca foi publicado fora dos Estados Unidos, levou à criação do Comics Code Authority, selo de autorregulação da Associação Americana das Revistas em Quadrinhos, que vetava palavras, temáticas e até determinadas cores nas revistas. Foram vetadas, por exemplo, narrativas de terror, com crime sangrentos, luxúria, sadismo e toda sorte de ilustrações “sensacionalistas e desagradáveis”.

“Foi um movimento para destruir a EC Comics, que naquela época fazia até mais sucesso que as histórias de super-heróis”, afirma



Divulgação

A dupla Batman & Robin foi um dos principais alvos de Fredric Wertham em seu livro, que é vendido com outro volume que rebate as teorias do autor (abaixo)

A bíblia da censura às HQs

Com teoria de Batman e Robin gay, ‘A Sedução dos Inocentes’ catalisou a perseguição aos quadrinhos nos EUA há 70 anos

Gonçalo Junior, jornalista e autor de “A Guerra dos Gibis”, que narra o processo de censura das HQs no Brasil, e responsável por trazer o livro de Wertham pela editora Noir.

Alexandre Linck, doutor em literatura e pesquisador de HQs, ressalva que a ascensão da televisão também contribuiu para a queda da venda das HQs. “A EC realmen-

te pegava pesado. Mas acho muito mais que eles foram usados como bode expiatório do que de fato responsáveis pela queda nas vendas de super-heróis.”

“Wertham não era um defensor da censura. Ele defendia algo que usamos hoje, a classificação indicativa ou mesmo algum tipo de restrição de acesso a conteúdos adultos por crianças”, afirma Linck.

Alvo de críticas, Gonçalo rechaça a acusação de que o livro não deveria ser publicado. “É como você quer esconder a história. Você só evita que a história se repita estudando-a”, afirma.

A ideia é apresentar ao público consumidor de HQs e pesquisado-

res o que Wertham pregava e rebater suas ideias. Por isso, o financiamento coletivo de “A Sedução do Inocente” acompanha um segundo volume, “A Reflexão do Inocente”, para explicar a pesquisa do psiquiatra e como era o mercado editorial americano na época. Os livros não são vendidos separadamente.

“A Sedução do Inocente” não iniciou o movimento contra a nona arte, que já era perseguida desde o fim dos anos 1940, mas levou a censura na indústria ao seu ponto máximo. “Imediatamente eliminaram mais de uma centena de editoras de terror e de quadrinhos policiais [das bancas]. As tiragens despencaram, os distribuidores só comercializa-

vam os quadrinhos que tinham selo do código de ética”, diz Gonçalo.

Linck, porém, tem críticas à abordagem da atual edição. “O processo de censura já estava em curso antes da publicação do livro. O problema do mercado editorial hoje é o medo de soar acadêmico e fazer publicações voltadas [apenas] para esse público”, afirma. “Você visa agradar tanto o colecionador como o acadêmico e acaba produzindo um Frankenstein que não cumpre nenhuma das duas funções direito.”

Além de Gonçalo, a obra traz textos de Jotapê Martins, psiquiatra e tradutor de HQs desde 1979; dos também psiquiatras Durval Mazzei Nogueira Filho e Francisco Baptista Assumpção Junior; e de Nobu Chinen, membro da Comissão Organizadora do troféu HQ Mix.

Muitos pesquisadores já se debruçaram sobre os escritos de Wertham para rebatê-los. Carol Tilley, professora da Universidade de Illinois, foi uma dessas pessoas. Em 2013, ela atestou que o psiquiatra manipulou os dados usados para a produção da obra.

Wertham não chegou a ver o livro contestado. Ele morreu em 1981, com o código de autocensura ainda em vigor no mercado editorial dos Estados Unidos, que só seria abandonado de vez, por desuso, nos anos 2010.

O livro também chega ao Brasil em um momento delicado para o mercado, com tentativas de censura a quadrinhos no último ano.

Foi o caso da suspensão de “O Menino Marrom”, de Ziraldo, em uma escola em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. Chamado de satânico por pais preocupados com a obra presente no calendário acadêmico dos filhos, a publicação voltou para as escolas do Município por decisão da Justiça.

Gonçalo acredita que o atual momento dos quadrinhos no Brasil não terá influência sobre a publicação de “A Sedução do Inocente”. “Há uma discussão idiota de que a direita vai usar o livro. A direita usa o discurso que quiser sem precisar de nada”, diz. “Note que, sempre, em nome das crianças, muita gente fala bobagem, seja em 1950 ou agora”, diz Linck.

